

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

Marvin de Castro Mendonça Scheiner

**A Memória Coletiva na (re) construção da identidade individual: reflexões
teóricas e análise fílmica a partir do filme “Valsa com Bashir”**

Rio de Janeiro

2014

Marvin de Castro Mendonça Scheiner

A Memória Coletiva na (re) construção da identidade individual: reflexões teóricas e análise fílmica a partir do filme “Valsa com Bashir”

Projeto Final II apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Antonio José Barbosa Oliveira

Rio de Janeiro

2014

S318m Scheiner, Marvin de Castro Mendonça.

A Memória Coletiva na (re) construção da identidade individual:
reflexões teóricas e análise filmica a partir do filme “Valsa com Bashir”/Marvin de
Castro Mendonça Scheiner. – Rio de Janeiro, 2014.

42 f.: il

Orientador: Antonio José Barbosa Oliveira
Projeto Final I (Graduação em Biblioteconomia) – Curso de
Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Universidade
Federal do Rio de Janeiro.

1.Memória. 2.Identidade. 3. Trauma. I.Oliveira, Antonio José
Barbosa II.Título

CDD:300

Elaborado por: Marvin de Castro Mendonça Scheiner

Marvin de Castro Mendonça Scheiner

A Memória Coletiva na (re) construção da identidade individual:
Reflexões teóricas e análise fílmica a partir do filme “Valsa com Bashir”

Projeto Final II apresentado ao
Curso de Biblioteconomia e Gestão
de Unidades de Informação da
Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial à
obtenção do título de bacharel em
Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 20__.

Prof. Dr. Antonio José Barbosa de Oliveira – Orientador – Universidade Federal
do Rio de Janeiro

Prof. Me. Robson Santos Costa – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof^a. Dr^a. Regina Dantas – Universidade Federal do Rio de Janeiro

A minha Avó Mariza Rodrigues de
Mendonça.

AGRADECIMENTOS

Biblioteconomia nunca foi minha primeira opção, gosto muito de livros, tenho uma paixão imensa por quadrinhos e antes de saber da existência do curso de biblioteconomia já os organizava com o maior carinho, mas como profissão nunca havia passado na minha cabeça que um dia viria a ser um bibliotecário.

Ao iniciar o curso ainda tinha dúvidas sobre continuar, mas cada vez mais fui aprendendo e entendendo mais sobre a profissão e resolvi concluir essa batalha e nesses quatro anos de curso muito pessoas foram importantes para isso. Primeiramente minha avó Mariza Rodrigues de Mendonça que sempre me incentivou, infelizmente ela não está mais aqui para ver a conclusão de mais uma etapa da minha vida, mas sem ela nada disso seria possível, agradeço de todo coração.

Agradeço a minha mãe Sandra Rodrigues de Mendonça que sempre me incentivou a ler, estudar mesmo nas horas que eu não queria, quando tirava uma nota baixa no colegial ou quando não fui aprovado no vestibular, obrigado por nunca desistir, se não fosse por suas broncas não teria chegado aqui. Agradeço ao meu pai Getúlio Scheiner que mesmo longe esteve presente sem seu apoio e ajuda não conseguiria terminar esse curso.

A minha namorada Natália de Freitas Leitão por todo seu apoio nesses 4 anos de curso e em quase 7 anos de namoro sempre me ouvindo quando falo um monte de coisas chatas e muito provavelmente sem sentido, sempre dizendo ser interessante mesmo que não entendendo nada, ao me apoiar quando pensava em desistir sempre com palavras de carinho e amor, sem você ao meu lado não sei se conseguiria chegar tão longe.

Ao meu amigo William Mathias Moreira que sempre me incentivou a seguir no caminho da memória, agradeço o apoio, as dicas e espero que um dia possamos escrever algo juntos. E agradeço aos amigos que me aturaram durante quatro anos de biblioteconomia, Beatriz Mattos, Gabriel Moraes, Luiz Reis e Rafael Mendonça, sem vocês isso tudo teria sido muito chato.

“Eu posso não ter ido onde pretendia ir, mas eu acho que acabei terminando onde eu pretendia estar” (Douglas Adams, Até mais, e obrigado pelos peixes, 1984).

SCHEINER, Marvin de Castro Mendonça. **A Memória Coletiva na (re) construção da identidade individual:** reflexões teóricas a partir do filme “Valsa com Bashir”. 2014. 42f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Departamento de Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Resumo

Memória pode ser entendida como um fenômeno individual, próprio, mas também pode ser observado como um fenômeno coletivo e social onde é moldada de maneira coletiva. Identidade conceitua-se como a imagem que um Ser Humano constrói sobre si mesmo e apresenta aos outros e a si próprio, objetivando aceitação tanto pessoal quanto coletiva. Essa monografia tem como objetivo investigar o papel da memória coletiva no processo de reconstrução identitária e também verificar seu poder de influência na recuperação da memória individual. Para isso, serão explorados os conceitos de memória e identidade presentes nas obras de Michael Pollak e Joel Candau e a partir dos mesmos será realizada uma reflexão teórica tendo como base o filme “Valsa com Bashir” onde são retratadas as tentativas um veterano da Guerra do Líbano de 1982, de recuperar as suas memórias perdidas referentes aos eventos que marcaram o massacre de Sabra e Shatila. Sendo essas tentativas realizadas a partir de conversas com antigos amigos com quem serviu nos tempos de guerra.

Palavras-chave: Memória. Identidade. Reconstrução identitária. Trauma. Valsa com Bashir.

SCHEINER, Marvin de Castro Mendonça. **A Memória Coletiva na (re) construção da identidade individual**: reflexões teóricas a partir do filme “Valsa com Bashir”. 2014. 42f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Departamento de Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Abstract

Memory can be understood as an individual phenomenon, own, but also can be observed as a collective and social phenomenon which is shaped collectively. Identity is conceptualized as the image that a human being builds about itself and presents to others and yourself, aiming acceptance both personal and collective. This monograph has as objective to investigate the role of collective memory in identity reconstruction process and also check its influence on the recovery of individual memory. For this, will be explored the concepts of memory and identity in the works of Michael Pollak and Joel Candau and from the same theoretical reflection will be held based on the film “Valsa com Bashir” where attempts are portrayed a veteran of the 1982 Lebanon War, to recover their lost memories from the events that marked the massacre of Sabra and Shatila. These attempts being made from conversations with old friends who served in wartime.

Keywords: memory. Identity. identity reconstruction. Trauma. Valsa com Bashir.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Página 24 de <i>Valsa com Bashir</i>	33
Figura 2 -	Página 71 de <i>Valsa com Bashir</i>	33
Figura 3 -	Página 06 de <i>Valsa com Bashir</i>	34
Figura 4 -	Página 13 de <i>Valsa com Bashir</i>	35
Figura 5 -	Página 115 de <i>Valsa com Bashir</i>	36
Figura 6 -	Página 113 de <i>Valsa com Bashir</i>	37
Figura 7 -	Página 116 de <i>Valsa com Bashir</i>	38
Figura 8 -	Página 117 de <i>Valsa com Bashir</i>	39

Sumário

Introdução.....	12
1. Memória: do individual ao Coletivo.....	14
1.1 Trauma.....	18
1.2 Memória e trauma.....	19
2. Identidade.....	21
2.1 Concepções de identidade.....	23
3. Análise teórica a partir de “Valsa com Bashir”	26
4. Análise fílmica: recursos informacionais na representação da memória.....	32
5. Considerações Finais.....	40
Referências	42

Introdução

Todos os dias somos submetidos a novas experiências, presenciamos acontecimentos e conhecemos novas pessoas. Quando viajamos somos apresentados a novas culturas, crenças e valores que por vezes podem ser diferentes dos nossos. Tudo isso fica “armazenado” em nossa memória, esta que é entendida como um fenômeno individual ou próprio e também como um fenômeno coletivo e social (Pollack, 1992, p.2). Sem existência da mesma viveríamos sempre em um estágio inicial de aprendizagem, pois nossas lembranças não se consolidariam. É também, a partir das nossas memórias que iniciamos o processo de construção identitária, processo esse que é realizado ao longo da nossa vida, onde construímos uma imagem própria que apresentamos a nós mesmos e também para a sociedade (Pollack, 1992, p.5).

E se em virtude de um evento traumático, parte da nossa memória fosse “apagada” e não nos lembrássemos de acontecimentos específicos de nossas vidas, é sob essa perspectiva que o filme “Valsa com Bashir” gira em torno, no filme somos apresentados um veterano de guerra que percebe que não possui nenhuma lembrança referente à Guerra do Líbano e o Massacre de Sabra e Shatila (evento acontecido nessa mesma guerra e que o protagonista teria presenciado), então começa a buscar depoimentos de antigos amigos com quem serviu na tentativa de recuperar a própria memória e da necessidade de reconstruir a si mesmo.

O filme em seu desenrolar procura evidenciar o papel da memória coletiva nos processos de recuperação da memória individual e reconstrução identitária, mas também a questiona pelo fato da mesma poder induzir “memórias Falsas” (Halbwachs, 1990, p.17) ou seja, memórias não pertencentes àquele indivíduo, mas que pelo contexto ele acredita que faz parte do conjunto de suas memórias.

O objetivo geral desta pesquisa foi verificar como se dá a ação da Memória coletiva na Recuperação da memória individual e na reconstrução identitária. Com esse objetivo, inicialmente foi apresentado o conceito de memória em termos gerais e em termos específicos ressaltando a ideia de

memória coletiva e memórias relacionadas a trauma relacionando-as ao conceito de Identidade.

No segundo capítulo, apresentam-se conceitos referentes à identidade, no terceiro capítulo foi contextualizado o filme “Valsa com Bashir” traçando um paralelo entre os conceitos apresentados por autores com relação à memória e Reconstrução da identidade com o caso apresentado no filme a fim de verificar a viabilidade dessa Ferramenta no auxílio à reconstrução da memória e identidade individual. Por fim também foi realizada uma análise fílmica com o intuito de destacar o filme como recurso informacional capaz de transmitir o conteúdo referente à identidade, trauma e memória através das ferramentas informacionais presentes em si (imagens, sons e jogo de câmera).

Feita a análise pode-se confirmar as ideias propostas tanto em termos de análises de conceitos com o conteúdo apresentado pelo filme, ficando bem exposto que é sim possível através do coletivo termos uma recuperação memorial individual e quanto da análise do filme como recurso informacional, o mesmo se apresenta de uma forma muito interessante utilizando de suas ferramentas para fazer com que o espectador compreenda de forma clara os conceitos apresentados, fazendo com que a mensagem seja transmitida com excelência.

1. Memória: do individual ao Coletivo

Em seu Livro “Memória e Identidade” Joel Candau nos diz que “pela retrospectiva o homem aprende a suportar a duração: juntando os pedaços do que foi numa nova imagem que poderá talvez ajuda-lo a encarar sua vida presente” (CANDAU, 2011 p.15). A partir disso, podemos observar a importância da memória como faculdade humana, sem ela não seria possível criar conexões que estabelecem as lembranças e conseqüentemente o conhecimento. Segundo Aristóteles (Apud Seligmann-Silva, 2008, p. 74) “memória é um conjunto de imagens mentais das impressões sensuais, com um adicional temporal, assim tratando-se de um conjunto de imagens de coisas do passado”. Memória não é somente um fenômeno individual, Segundo Halbwachs: “memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”. (HALBWACHS apud POLLAK, 1992).

Na perspectiva individual do fenômeno da memória, Candau propõe uma taxonomia dividindo a memória em três diferentes manifestações, começando com a memória de baixo nível, chamada pelo autor de “protomemória” manifestação essa que corresponde às experiências mais profundas. Essa manifestação segundo Candau deve ser priorizada “(...)”, pois é nela que enquadrados aquilo que no âmbito do indivíduo constitui os saberes mais resistentes (...)” (CANDAU, 2011, p.22).

A segunda manifestação é a dita “memória de alto nível”, essa está ligada as lembranças e recordações de um indivíduo, Candau a considera como “a evocação da memória enciclopédia (saberes, crenças, sensações, sentimentos)”, podendo contar com extensões artificiais derivadas da expansão da memória.

A terceira Manifestação da memória é a “metamemória” onde um indivíduo representa a si mesmo a partir do seu próprio conhecimento, “modo de afiliação de um indivíduo a seu passado” (Candau, 2011 p. 20). A metamemória está diretamente ligada à construção identitária.

Enquanto as duas primeiras manifestações são dependentes da faculdade da memória, a terceira é classificada como uma representação dessa faculdade. Sendo dependentes ou representações, as três manifestações de memória, servem para comprovar a capacidade do indivíduo de “memorizar” Sobre isso, (Candau, 2011 p. 23-24) diz:

“Nesse caso, essas diferentes noções são perfeitamente adequadas para dar conta de certa realidade vivida por toda pessoa consciente. Andamos de bicicleta sem cair ou saudamos uma pessoa que encontramos na rua adotando uma gestualidade incorporada, da qual nem nos damos conta, devemos isso a protomemória. Em nossa vida cotidiana, mobilizamos regularmente múltiplas lembranças, recentes ou antigas (...) temos aqui duas formas de memória de alto nível. Enfim, cada um de nós tem uma ideia sobre a própria memória e é capaz de discorrer sobre ela (...) aqui se trata então da metamemória”. (CANDAU, 2011 p. 23-24)

A partir desta taxonomia proposta por Candau, podemos perceber a proximidade entre a memória e o processo de construção identitária, sendo a identidade um relato sobre si mesmo advindo de memória passadas e presentes e futuras, podendo ser classificado com um processo contínuo, ordenado.

Sobre isso Candau afirma “É a partir de múltiplos mundos classificados, ordenados e nomeados em sua memória (...) que um indivíduo vai construir e impor sua própria identidade” (CANDAU, 2011, p.84). A importância do tempo então se faz evidente, pois, o ato de classificar/ordenar necessita um espaçamento cronológico para ser realizado, como observado por (Candau, 2011, p. 84): “Do ponto de vista das relações entre memória e identidade, a maneira pela qual o pensamento classificatório vai se aplicar à categoria de tempo será fundamental (...), pois as representações da identidade são inseparáveis do sentimento de continuidade temporal”. (CANDAU, 2011, p. 84).

O tempo certamente é uma das ferramentas mais importantes na concepção de memória e identidade como Candau afirma, pois é possível classifica-lo, ordena-lo, denomina-lo e datá-lo. E essas ações podem ser feitas

de diferentes formas em cada sociedade, pelo fato da existência da multiplicidade de tempos sociais, ou seja, como uma determinada sociedade observa o tempo. E fator é dito por Candau como essencial no processo de formação identitária das sociedades, possibilitando o surgimento de diferentes costumes e culturas.

Ainda no âmbito temporal, Candau faz referencia a dois “tipos” de memória que vêm a influenciar no processo de construção identitária. O primeiro seria a “memória de tempos profundos” que são aquelas memórias que são recuperadas ao decorrer da história referente a fatos passados que por não serem previamente conhecidos influenciam diretamente na desconstrução da imagem que um individuo projetou, exercendo “um efeito direto sobre as representações de identidade” (CANDAU, 2011, p.85) Candau ainda afirma que a memória de tempo profundo, “Tende a enfraquecer a consciência identitária”.

Em contrapartida, a Memória longa é aquela que “ignora a cronologia rigorosa da História e suas datas precisas que balizam o fluxo do tempo.” (CANDAU, 2011, p. 87), essa faz com que fatos sejam lembrados mesmo que sua data e circunstância não possam ser lembradas, pois a mesma está associada ao tempo não de forma cronológica mensurável, mas como afirma Candau apresenta-se como “qualidade associativa emocional”.

Inicialmente, a memória coletiva pode ser vista como um conjunto de lembranças comuns a um grupo. Para Halbwachs a memória é construída e estruturada em grupos, segundo o autor, “se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias” (HALBWACHS, 1990, p. 25.) Essa visão proposta pelo autor associa a memória coletiva como um complemento à memória individual. Já Candau relativiza a existência da memória coletiva e estabelece alguns pressupostos para a existência da mesma. O autor afirma:

“Um dos objetivos fundamentais da Antropologia é o da compreensão da passagem do individual ao coletivo (...) Ora, se as memórias individuais são dadas (...) a noção de memória compartilhada é uma inferência expressa por metáforas que na melhor das hipóteses darão conta de certos aspectos da realidade social e cultural ou serão simples *flatus vocis* sem nenhum fundamento empírico. (CANDAU, 2011, p. 28-29)

Para ilustrar as possibilidades de existência da memória coletiva, Candau utiliza das ditas “retóricas holistas”, estas que podem ser compreendidas como “emprego de termos, expressões, figuras que visam designar conjuntos supostamente estáveis, duráveis e homogêneos, conjuntos que são conceituados como outra coisa que a simples soma das partes” (CANDAU, 2011, p. 29).

Ao utilizar as retóricas holistas para verificar a existência da memória coletiva, Candau primeiramente nos discorre sobre dois tipos de memória, “memória forte” e “memória fraca”, onde a memória forte seria aquela organizada, coerente e a fraca seria aquela que não foi bem definida, é superficial e provavelmente não seria compartilhada por indivíduos, logo a memória forte se caracterizará pela capacidade de estruturar os grupos humanos.

Outros conceitos que são pertinentes para a validação da memória coletiva são as representações factuais e as representações semânticas definidas por Candau (2011, p. 39) como “representações factuais, são representações relativas à existência de certos fatos, e as representações semânticas, que são representações relativas ao sentido atribuído a esses mesmos fatos” (CANDAU, 2011, p. 39). A partir desses conceitos o autor diz:

“Quando uma retórica holista remete a representações factuais supostamente compartilhadas por um grupo de indivíduos, há uma forte probabilidade de que seu grau de pertinência seja elevado. Quando uma representação holista remete a representações semânticas supostamente compartilhadas por um grupo de indivíduos, há uma forte probabilidade para que seu grau de pertinência seja fraco ou nulo”. (CANDAU, 2011, p.39)

Com isso observamos que a funcionalidade da memória coletiva está condicionada a existência de certos fatores, como por exemplo, memórias fortes bem enraizadas dentro de um grupo ou sociedade. É evidenciado também que a memória individual não é apenas um fragmento da memória coletiva, mas sim que a memória coletiva só será efetiva se o conjunto de memórias individuais pertencentes a determinado grupo ou sociedade estiverem em concordância sobre um determinado fato a ser lembrado, como Candau (2011, p.48) diz “(...) não pode haver construção de uma memória coletiva se as memórias individuais não se abrem umas às outras visando objetivos comuns, tendo um mesmo horizonte de ação.

1.1 Trauma

Trauma é considerado um tipo de lesão psicológica decorrente de um evento catastrófico (Seligmann-Silva, 2000 p.8). Acontecimentos traumáticos podem ser ocasionados por vários tipos de eventos como: agressões, abusos, atentados, guerras, catástrofes tanto naturais quanto artificiais e acidentes, de maneira a ser identificado como uma experiência que afeta física ou psicologicamente um indivíduo (Seligmann-Silva, 2000 p.111-112). Um trauma pode se apresentar no âmbito individual e também no coletivo.

No âmbito individual o trauma é vivenciado por uma única pessoa. Um exemplo típico desse tipo de trauma é a tortura, que ocorre quando uma pessoa ou um grupo causa sofrimento tanto de forma física quanto psicológica a um determinado indivíduo.

A partir de tais aspectos, Seligmann-Silva (Apud Ginzburg, 2008, p. 51) diz “para a psicanálise, a experiência traumática não pode ser assimilada de modo completo; por isso ocorre à repetição constante, alucinatória, por parte da vítima, da cena de impacto”. Dessa forma percebemos que indivíduos submetidos a tais tipos de tortura (física e psicológica) carregarão marcas profundas das mesmas pelo resto de suas vidas. O trauma coletivo advém da opressão, tortura e massacres coletivos. Podemos observar exemplos de

traumas coletivos no Holocausto e também na Ditadura militar, eventos onde houve massacres, torturas e o extermínio milhares de pessoas.

1.2 Memória e Trauma

Memória relacionada a trauma ou memória de tragédia é definida por Candau como “uma memória forte, uma interpretação, uma leitura da história das tragédias” (Candau, 2011, p. 151). São memórias de sofrimento que marcam o indivíduo que as presenciou, modificando por completo sua personalidade e influenciando diretamente no processo de construção identitária, segundo Seligmann-Silva (Apud Maldonado e Cardoso, 2008, p. 5) o trauma é como uma “memória amnésica” por ser a “memória de um passado que não passa”.

Existe uma necessidade do indivíduo de narrar o trauma vivenciado, segundo Seligmann-Silva (2008, p. 66) que “narrar o trauma tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer” esse sentimento se dá pela vontade do Ser Humano de se reconstruir. Muitas vezes “recriar” o trauma ocorrido, se torna um processo difícil, pois em um primeiro momento há um silenciamento que faz com que o ser traumatizado não expresse por meio do testemunho a sua dor, a versão dos fatos.

Candau (2011, p.154) cita o exemplo de Magda Hollander-Lafon uma mulher judia que foi deportada ao fim da 2ª guerra mundial que “escondeu” durante certo tempo suas memórias sobre esse tempo vivenciado, e sobre isso ela disse “A negação da memória me conduziu à perda de identidade. Eu não podia mais me identificar a nada nem a quem quer que fosse... eu tinha, de acordo com o desejo dos nazistas, me tornado um nada”.

Somente com a retomada de tais memórias, uma libertação de tais sentimentos poderá acontecer, como Candau (2011, p. 154) diz “A memória que, uma vez retomando, tal como um câncer Luminoso vem devorar a vida da pessoa permitindo recuperar os laços entre o que é e o que foi”. No âmbito do trauma coletivo, Pollak (1989, p.3) afirma que uma das razões do silêncio é o

receio de um grupo diante do excesso dos “discursos oficiais”, mas também afirma que tais lembranças passadas por redes familiares permanecendo vivas.

“Essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amigos, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas”. (POLLAK, 1989. p.3).

Entendemos então que mesmo em silêncio as memórias permanecem vivas em um círculo menor, só esperando o momento certo para que venha ao conhecimento do todo.

2. Identidade

Todo indivíduo faz parte de um círculo social e têm opiniões, gostos, desejos, o conjunto desses sentimentos irá auxiliar na construção de sua identidade. A partir do que Cuche disserta sobre identidade (1999, p.196) observamos que a identidade, antes de qualquer coisa, serve para que nos localizemos como pessoa, e localizemos ao nosso padrão sendo algo dinâmico de acordo com o indivíduo. Nesse processo, a memória é de vital importância e está diretamente ligada ao processo de construção identitária, pois será a partir dos nossos próprios registros de vida que conseguiremos moldar quem somos. Pollak (1992, p.5) define identidade como:

“A imagem que a pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação e também para ser percebida da maneira que quer por outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, credibilidade e que se faz por meio da negociação direta com outros.” (POLLAK, 1992, p.5)

Com isso podemos perceber também a influência do coletivo na formação identitária, com quem convivemos, onde vivemos, os aspectos sociais e culturais, tudo isso terá um peso na formação identitária. Sobre esses aspectos tanto individuais quanto coletivos na formação identitária, Cuche (1999, p. 179) em seu trabalho “A noção de cultura nas Ciências Sociais”, afirma que “A identidade é vista como uma condição imanente do indivíduo, definindo-o de maneira estável e definitiva” e afirma também que “A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente”.

É possível então dizer que independentemente das particularidades do indivíduo, o meio sempre será um fator influenciável, nos levando a questão da Identidade Cultural e da identidade social. Cuche nos alerta para não confundirmos cultura com identidade Cultural, onde afirma:

“Não se pode, pura e simplesmente confundir as noções de cultura e de identidade cultural ainda que as duas tenham uma grande ligação. Em

última instância, a cultura pode existir sem consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente. A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas.” (CUCHE, 1999, p. 176).

Entendendo essa diferença e percebendo que identidade cultural remete a uma vinculação a alguma coisa, devemos pensar então no conceito de Identidade Social até porque a ideia de identidade cultural surge como um componente desse outro conceito, sendo a questão da identidade social algo muito mais abrangente.

Cuche afirma “A identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculação a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação” (Cuche, 1999, p. 178). O viés social da identidade não somente atribui características ao indivíduo dentro de um meio, mas também caracteriza o meio em que o indivíduo está inserido permitindo que esse grupo possa ser identificado dentro do que Cuche chama de “conjunto social”.

Além disso, não se pode apenas definir identidade social como uma ferramenta de inclusão a mesma pode ser identificado como meio de exclusão, pois da mesma forma que ela atrai ela segrega, sobre isso Cuche (1999, p. 177) diz “ela identifica o grupo (são membros do grupo os que são idênticos sob certo ponto de vista) e o distingue dos outros grupos (cujos membros são diferentes dos primeiros sob o mesmo ponto de vista)”.

Nessa concepção, a perspectiva que se percebe, é de que a identidade cultural se apresenta como uma modalidade categórica que representa a distinção entre as práticas culturais, onde a mesma se baseia em nada mais que nas diferenças culturais percebidas entre os grupos, compreendidas por Cuche como a “distinção Nós/Eles”.

2.1 Concepções de identidade

No que se refere à identidade somos apresentados a dois diferentes tipos de pensamentos ou concepções, as objetivistas e as subjetivistas. Pelo viés objetivista, identidade é entendida como um dado definitivo sobre o indivíduo. Esta perspectiva está diretamente relacionada com as “raízes” do indivíduo, ou com o que Cuche chama de “grupo original de vinculação do indivíduo”. Essa representação tenta reforçar ideologias de enraizamento cultural, tratando assim a identidade como um objeto imutável onde o indivíduo somente se encaixaria, sobre esse viés Cuche afirma:

“Em outras palavras, a identidade seria preexistente ao indivíduo que não teria alternativa senão aderir a ela, sob o risco de se tornar um marginal, um “desenraizado”. Vista desta maneira, a identidade é uma essência impossibilitada de evoluir e sobre a qual o indivíduo ou o grupo não tem nenhuma influência”. (CUCHE, 1999, p. 178).

Ainda inserida dentro do viés objetivista, temos a perspectiva culturalista da identidade, onde a mesma não é condicionada a genética, mas sim a socialização que um indivíduo tem no interior do seu grupo de origem. Os resultados finais obtidos na perspectiva culturalista são basicamente os mesmos do anteriormente citado, pois para que o indivíduo obtenha sua identidade ele deverá levar para si o modelo cultural imposto pelo grupo a que pertence o que faz com que o conceito de identidade se torne invariável. Ainda dentro da perspectiva objetivista, temos a teoria primordialista, onde se defende que a identidade etno-cultural é primordial porque a vinculação ao grupo é a primeira e a mais fundamental de todas as ligações da sociedade.

Cuche diz que para os objetivistas determinado grupo só poderá reivindicar sua autenticidade na construção de sua identidade cultural diante de

determinados fatores impostos, tais como, se esse for dotado de língua e cultura própria, e fenótipo próprio.

Já o viés subjetivista acredita que limitar o fenômeno da identidade a dimensão atributiva, seria como ficar estagnado, sem dinamismo. Os subjetivistas tratam a etno-cultura como um sentimento de identificação do indivíduo para com o coletivo. O fenômeno da identidade é tratado por estes “como representações que os indivíduos fazem da realidade social e de suas divisões”. (CUCHE, 1999, p. 181). Cuche atenta para o caso de quando o viés subjetivista é levado ao extremo, afirmando que em tal nível “leva à redução da identidade a uma questão de escolha individual arbitrária, em que cada um seria livre para escolher suas identificações”, e isso levaria o conceito de identidade a ser interpretado como algo fantasioso ou puramente nascido da imaginação.

No entanto sinaliza o seu valor por considerar o caráter variável da identidade apesar de muitas vezes ser levado ao extremo. Entendendo os fatores presentes em cada um desses vieses (objetivista e subjetivista) Cuche ressalta que abordar identidade somente por um desses “caminhos” seria colocar-se em um impasse e afirma que “A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais”. (CUCHE, 1999, p. 182)

Identidade então não pode ser compreendida como uma ciência exata, pois é construída e reconstruída a partir de diferentes fatores, históricos, sociais dentre tantos outros. Então por esses motivos não devemos esperar das ciências sociais uma resposta ou uma conclusão exata e irrefutável referente à determinada identidade tanto social/cultural ou até mesmo da identidade individual. Sobre isso Cuche afirma:

“Não é a sociologia que deve se pronunciar sobre o caráter autêntico ou abusivo de tal identidade particular (em nome de que princípio ela faria isto?). Não é o cientista que deve fazer “controles de identidade”. O papel do cientista é outro: ele tem o dever de explicar os processos de identificação sem julgá-los. Ele deve

elucidar as lógicas sociais que levam os indivíduos e os grupos a identificar, a rotular, a categorizar, a classificar e a fazê-lo de uma certa maneira ao invés de outra". (CUCHE, 1999, p. 187).

Percebemos que pelo fato do processo de construção identitária ser algo individual dependente de inúmeros fatores, estes que estão condicionados a contextos sociais e culturais, o dever do pesquisador é o de observar tais acontecimentos dentro dos contextos de maneira que identifique os "porquês" de tais escolhas feitas pelos indivíduos sem que haja qualquer tipo de parcialidade ou julgamento.

3. Análise teórica a partir de “Valsa com Bashir”

O objeto de análise deste trabalho será o filme *Valsa com Bashir*, filme israelense em formato de animação, que também é considerado um relato autobiográfico do diretor Ari Folman. O nome “valsa com Bashir” é uma alusão ao então eleito presidente do Líbano, Bashir Gemayel que foi assassinado antes de assumir o cargo.

Em “*Valsa com Bashir*”, Ari Folman, reconstrói a história da Guerra do Líbano e o Massacre de Sabra e Shatila (massacre ocorrido no dia 16 de setembro de 1982 durante a Guerra do Líbano, pelas mãos da Falange Libanesa, alegadamente em resposta ao Massacre de Damour. De acordo com a comissão israelense, o Tsahal - Forças de Defesa de Israel que se encontrava a postos no território libanês foi indiretamente responsável por não só evitar como estimular os atos ocorridos. Este massacre recebeu a qualificação de Ato de Genocídio por parte da Assembleia Geral das Nações Unidas – resolução 37/123.), a partir da tentativa de recuperar a própria memória.

Ari Folman participou da invasão do Líbano pelos israelenses com 19 anos. Muito tempo depois, em 2006 um amigo chamado Boaz Rein que também participou da guerra, o convida no meio da noite para ir num bar, e conta sobre um sonho, que o perturba há dois anos e meio, relacionado com um evento que aconteceu naquela guerra, onde foi obrigado a matar 26 cães.

É nesse momento que Ari percebe não se lembra da existência do massacre e muito menos possui lembranças de determinados acontecimentos da guerra. Como solução narrativa, Folman considera sua “perda” aparentemente inexplicável de memória como um ponto de partida do filme e sua busca por acontecimentos que possam leva-lo a solucionar esse problema, aparece como plot principal da trama e objetivo final do personagem. Dessa

forma, “Valsa com Bashir” não se restringe a ser um relato autobiográfico, mas também pode ser interpretado como uma investigação e experiência que vai do coletivo ao individual que busca através do compartilhamento da memória, preencher lacunas individuais referentes a fatos vivenciados em uma época de guerra e o porquê de tais fatos serem traumáticos ao personagem a tal ponto do mesmo não se recordar dessa época.

Essa forma de apresentação da narrativa elucida algumas questões teóricas. É o sonho do amigo que surge como elemento perturbador e leva Folman a procurar a sua própria experiência, a sua própria memória. Por esse viés, por estarem perdidas, as experiências e as lembranças devem ser compreendidas a partir de relatos de pessoas como quem conviveu nesta época. Como se da experiência coletiva pudéssemos redescobrir a experiência íntima e individual.

Por esse motivo o diretor/autor se aproxima da investigação e do documentário. Até porque, ele se encontra com cada um dos seus colegas que também participaram da guerra do Líbano e estavam presentes no dia do massacre de Sabra e Shatila a fim de colher seus depoimentos relativos a esse período. Com isso Folman em seu filme tenta nos convencer da necessidade de recorrer os testemunhos de terceiros para estruturar e relembrar sua experiência individual dos acontecimentos.

Como apresentado anteriormente, o filme reconstrói acontecimentos passados na guerra do Líbano com o objetivo final de fazer com que o personagem principal venha a recuperar a memória referente a esses certos acontecimentos. Ao perceber que não se lembra dos acontecimentos relativos à época da guerra o personagem inicia sua busca por respostas. Essa busca se dá por meio de depoimentos colhidos pelo mesmo de antigos colegas com quem serviu na época. O filme se inicia quando um amigo de Ari (personagem principal) o chama para uma conversa, onde explicita que está tendo um pesadelo recorrente há alguns anos, aonde 26 cães chegam a seu prédio e clamam por sua Cabeça. Ao questionar o amigo sobre a exatidão do número de cães, Ari obtém a seguinte resposta “Acredite em mim eu sei, esses sonhos

não vem do nada” diz o amigo em referência a um incidente na Guerra do Líbano onde teve que matar 26 cães.

A partir desse relato, podemos observar o significado de memória segundo a visão de Aristóteles (Apud Seligmann-Silva, 2008, p. 74), onde a mesma é observada como “um conjunto de imagens de coisas do passado”, Sem a memória destes eventos, o indivíduo não saberia dizer o porquê e o significado desse sonho.

Após esse encontro, Ari se da conta de que não tem memórias sobre a época da guerra, nem do massacre de Sabra e Shatila e isso o incomoda, causando uma sensação de estranhamento já que seu amigo na conversa lhe disse que no momento do massacre ele estava a menos de 100 metros do que aconteceu. A partir disso, decide buscar outros amigos companheiros na Guerra do Líbano, a fim de tentar reconstruir esse pedaço que lhe falta na memória, e a partir desse comportamento do personagem podemos destacar a importância da memória como uma construção coletiva como afirma Halbwachs (1990, p.16).

Em um segundo momento o personagem se dirige a casa de um de seus amigos e lhe conta sobre sua busca. Ao indagar o amigo sobre as consequências da rememoração, Ari diz o seguinte “isso não é perigoso? Talvez eu descubra coisas sobre mim, que não quero saber”. Podemos perceber por esta fala que o personagem tem o receio de desconstruir sua identidade, pois da maneira que se encontra sem suas memórias de guerra, ele sabe quem é tem sua identidade construída sobre acontecimentos que não fazem nenhuma ligação que aquele momento, Pollak (1992, p.5) diz que a identidade está diretamente ligada com a aceitabilidade, admissibilidade, credibilidade que o indivíduo passa para terceiros.

Pollak (1992, p.5) também diz que a identidade é a imagem que pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, com a volta de suas lembranças, dependendo do que for “descoberto” essa imagem pode mudar extremamente de uma hora para outra, afetando diretamente dos critérios

aceitabilidade e credibilidade tanto individual quanto coletiva. O que condiz com o que Cuche (1999, p.182) afirma sobre o processo de construção identitária não ser nem totalmente objetivista nem totalmente subjetivista, reforçando a ideia de que a construção identitária se faz mediante aos contextos sociais, podendo ser mutável e produzindo efeitos sociais reais.

A fim de alertá-lo sobre os perigos que essa busca poderia trazer, o amigo que por sua vez é psicólogo, relata sobre um experimento psicológico onde pessoas foram submetidas à observação de dez imagens de sua infância, sendo que uma delas era falsa. Nesta, uma montagem, a pessoa era colocada em um parque de diversões onde nunca esteve. Oitenta por cento dos participantes reconheceram a imagem como legítima; os outros, que inicialmente não reconheceram a foto, ao serem questionados pelos pesquisadores, se lembraram da imagem, dizendo ter sido um dia maravilhoso com os pais, eles se lembraram de uma memória falsa, fabricada pela imaginação.

Isso, leva ao questionamento de que a memória pode ser fortalecida ou enfraquecida pelos testemunhos e também sobre o que lembramos é verdadeiro ou é só uma invenção de nossa mente. Segundo o conceito de Halbwachs (1990, p.15) apresentado no 1º capítulo deste trabalho, Apoiando-se não somente em sua memória, mas também na de pessoas que compartilharam o momento conosco uma recuperação poderá ser mais exata.

Halbwachs (1990, p.16) também diz que uma lembrança para ser recordada ou validada não depende somente do testemunho de outros indivíduos que estiveram presentes no acontecido que não lembramos, ou seja, mesmo colhendo diversos testemunhos que possibilitam a compreensão da situação como um todo, este ainda não constituiria uma lembrança individual de fato se faltasse o nosso próprio testemunho.

Em dado momento do filme após conversar com alguns de seus companheiros, o personagem principal se da conta de que apesar de contar já com alguns depoimentos, os fatos ainda lhe parece algo como um “filme” como

se ele nunca tivesse participado. Mesmo ainda não sabendo que sua perda de memória foi ocasionada por um trauma vivenciado, o personagem implicitamente já estava de certo modo procurando narrar/ recriar tal evento traumático para se reencontrar como pessoa e reafirmar sua identidade. Seligmann-Silva (Apud Ginzburg, 2008, p. 51) afirma que a experiência traumática não pode ser assimilada de modo completo, por isso pode ocorrer à repetição constante do evento presenciado de forma alucinatória, no filme podemos observar que isso ocorre com Ari na forma de sonhos, primeiramente quando sonha estar no mar e escutas sinalizadores associados ao início do Massacre, que ao decorrer do filme descobrimos ser uma “falsa memória”, pois quem lançou os sinalizadores foi ele próprio.

Esse sonho conota um sentimento de culpa pelo que aconteceu. Também em representação ao trauma, sonha com o dia do Massacre, onde se encontra cercado por mulheres dos vilarejos de Sabra e Shatila e o mesmo não consegue visualizar o que aconteceu naquele lugar, este representa o bloqueio que sua mente impôs para que não pudesse lembrar-se do fato que o traumatizou.

Depoimento após depoimento, o personagem começa a reviver suas próprias memórias, essas que fazem parte do que Candau (2011, p.23) chama de “memória de alto nível”, aquela ligada às lembranças e recordações de um indivíduo fazendo conexões com os relatos seus amigos, começa a enxergar os eventos que não lembrara agora por seu próprio ponto de vista, podemos então classificar as memórias advindas dos depoimentos dentro do grupo de “memórias fortes” (CANDAU 2011, p.44), pois são comuns aos membros do grupo e pelo seu caráter organizador, pois é a partir delas que o personagem começa o processo de reestruturação de si, outro ponto forte é que essas memórias são factuais, ou seja, são relatos de que realmente participou dos eventos citados.

Utilizando do conceito de análise a partir das retóricas holistas apresentado por Candau (2011, p.28), podemos afirmar que o grau de pertinência da

memória como coletiva apresentada no filme é elevado, pois têm como base os dois mais importantes pilares, a presença de memórias fortes e factuais.

Em seus momentos finais após uma série de depoimentos o personagem finalmente consegue romper a barreira imposta por sua mente e descobre de fato o motivo por ter “se esquecido” daquele momento de guerra. Quando finalmente ele consegue ver através das mulheres que o cercavam em seu sonho, ele se depara com o massacre dos vilarejos, e percebe que o trauma que o levou ao bloqueio memorial foi o sentimento de culpa que carregava por estar ali naquele momento e por ordens superiores (A pedido dos falangistas libaneses, as forças israelenses cercaram Sabra e Shatila e bloquearam as saídas dos campos para impedir a saída dos moradores) não poder fazer nada para ajudar. Em certo ponto um de seus amigos afirma “Contra sua vontade você foi posto na mesma condição dos nazistas. Não é que não estivesse lá, você estava, disparou os sinalizadores, mas não participou do massacre”.

Nesse momento do filme percebemos que o mesmo não trata única e exclusivamente da busca desse personagem por sua memória perdida, mas também tem como objetivo fazer com que os espectadores relembrem de certa forma o massacre ocorrido em Sabra e Shatila para que o mesmo, como muitos outros eventos brutais não caia no esquecimento.

4. Análise fílmica: Recursos informacionais na representação da memória

Recursos informacionais podem ser entendidos como todo tipo de fontes de informação independente de seu suporte. Existem fontes e recursos informacionais orais, impressos, digitais e multimídia. Cada qual apresenta sua função, diferencia-se pelo seu conteúdo e principalmente pelo público-alvo a qual é direcionado. Recursos informacionais, existem para facilitar o acesso do usuário à informação, para sua disseminação e para sua preservação. Sobre isso, GIANNASI-KAIMEN e CARELLI (2007, p. 9), dizem:

“pressupõe um processo de interação humana no qual um indivíduo partilha com outro uma necessidade de informação e o outro, em troca, partilha uma informação que detém ou adquiriu e que atende a essa necessidade. O compartilhamento necessita, portanto, de mecanismos que facilitem os processos de interação e de acesso à informação” (GIANNASI-KAIMEN e CARELLI, 2007, p. 9)

Como já exposto anteriormente, o trabalho consiste na exposição de conceitos relativos à memória e identidade, e na análise do filme “Valsa com Bashir” que se trata de um recurso informacional multimídia, recurso esse que apresenta ferramentas como som e imagem para tratar a informação. Serão então expostas nessa análise como as ferramentas de representação informacional presentes no filme foram utilizadas para representar o conceito de memória e identidade.

Para cumprir o papel destacado acima, o filme utiliza de diferentes recursos imagéticos para representar cada tipo de memória/ momento. Para representar a guerra e momentos mais sombrios, situações ainda “pouco conhecidas” e memórias ainda desconexas, utiliza-se de ruídos sonoros e imagens em tons escuros, representando o medo e angústia vividas naquele momento e o ainda desconhecido pelo personagem:



Página 24 de Valsa com Bashir (figura 01)

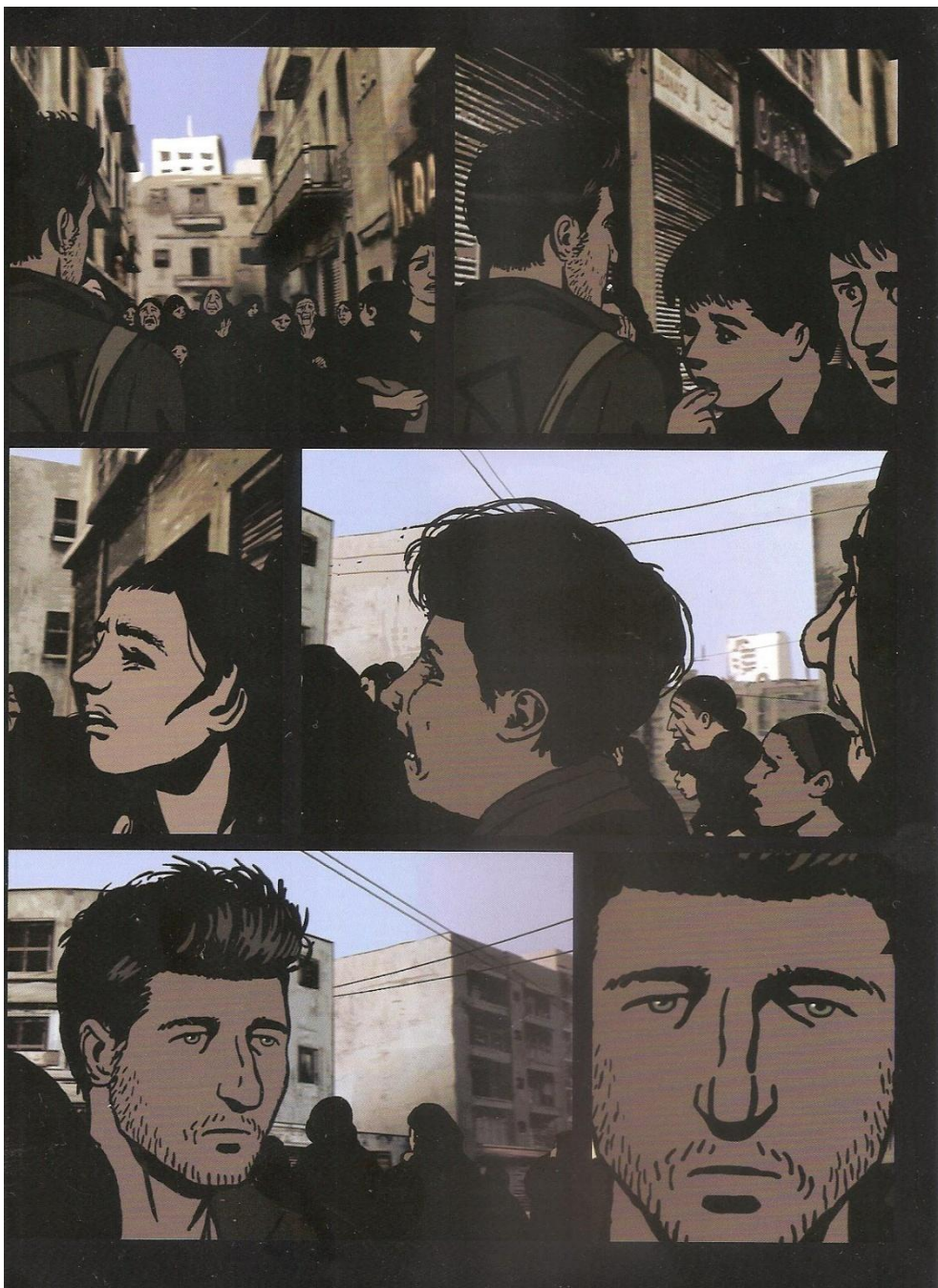


Página 71 de “Valsa com Bashir” (figura 02)

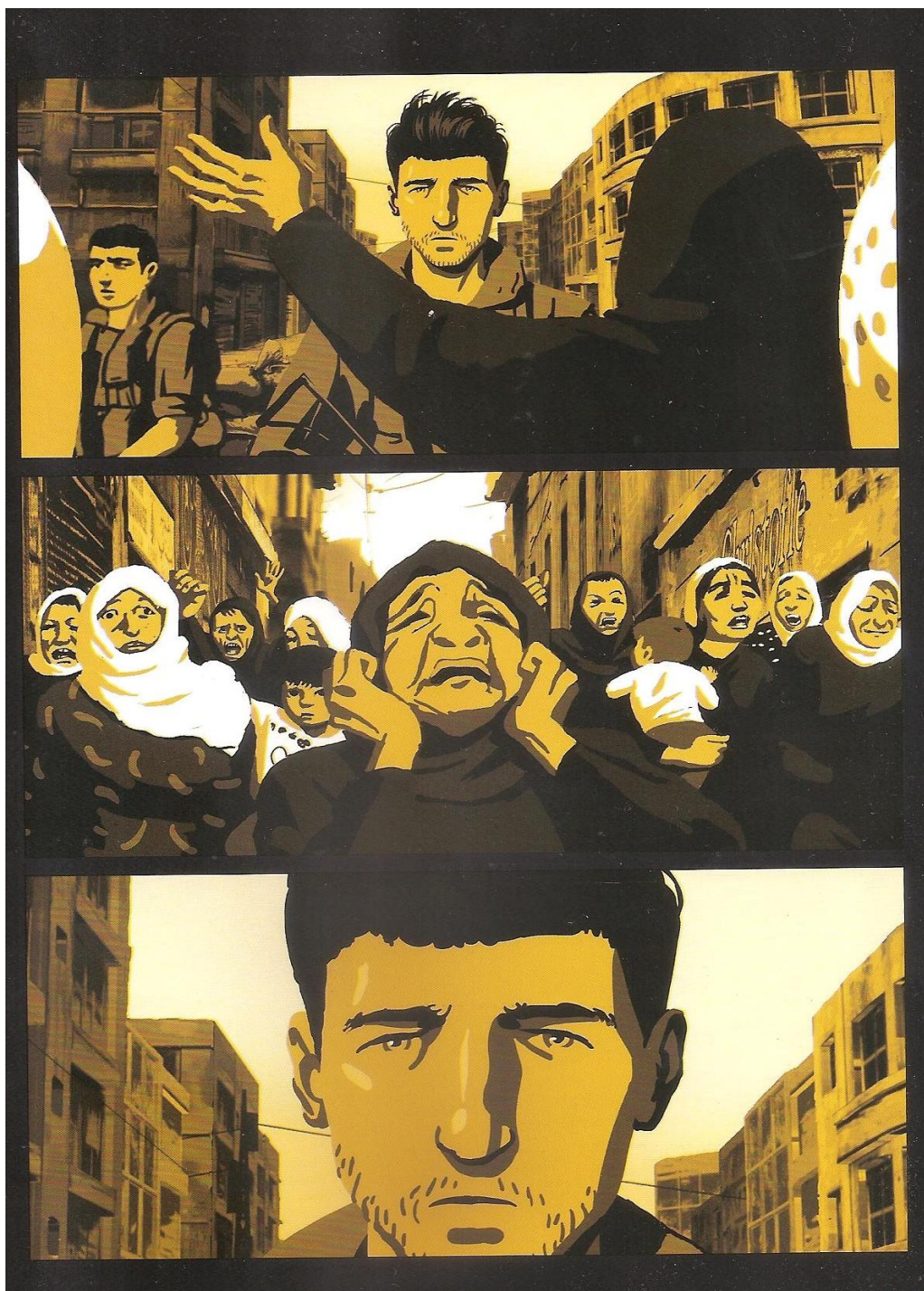


Pagina 6 de "Valsa com Bashir" (figura 03)

Quando Ari está em processo de recuperação das memórias, onde em sonho se depara com as mulheres tristes e chorando dos campos de Sabra e Shatila, percebemos ainda o tom escuro das imagens e também a dificuldade para ver os rostos das pessoas, interessante também destacar que determinados planos são filmados em “primeira pessoa” para que passa ocorrer uma imersão do espectador aos acontecimentos do filme, tendo como objetivo a aproximação maior do personagem para que de alguma forma aquele processo de recuperação seja observado também como nosso.



Quando o Ari percebe enfim o que realmente ocorreu e que suas memórias sobre a guerra estão totalmente recuperadas, os tons de cor vão começando a se tornar mais claros e as imagens começam a ficar mais nítidas, representando clareza e veracidade na recuperação da memória.



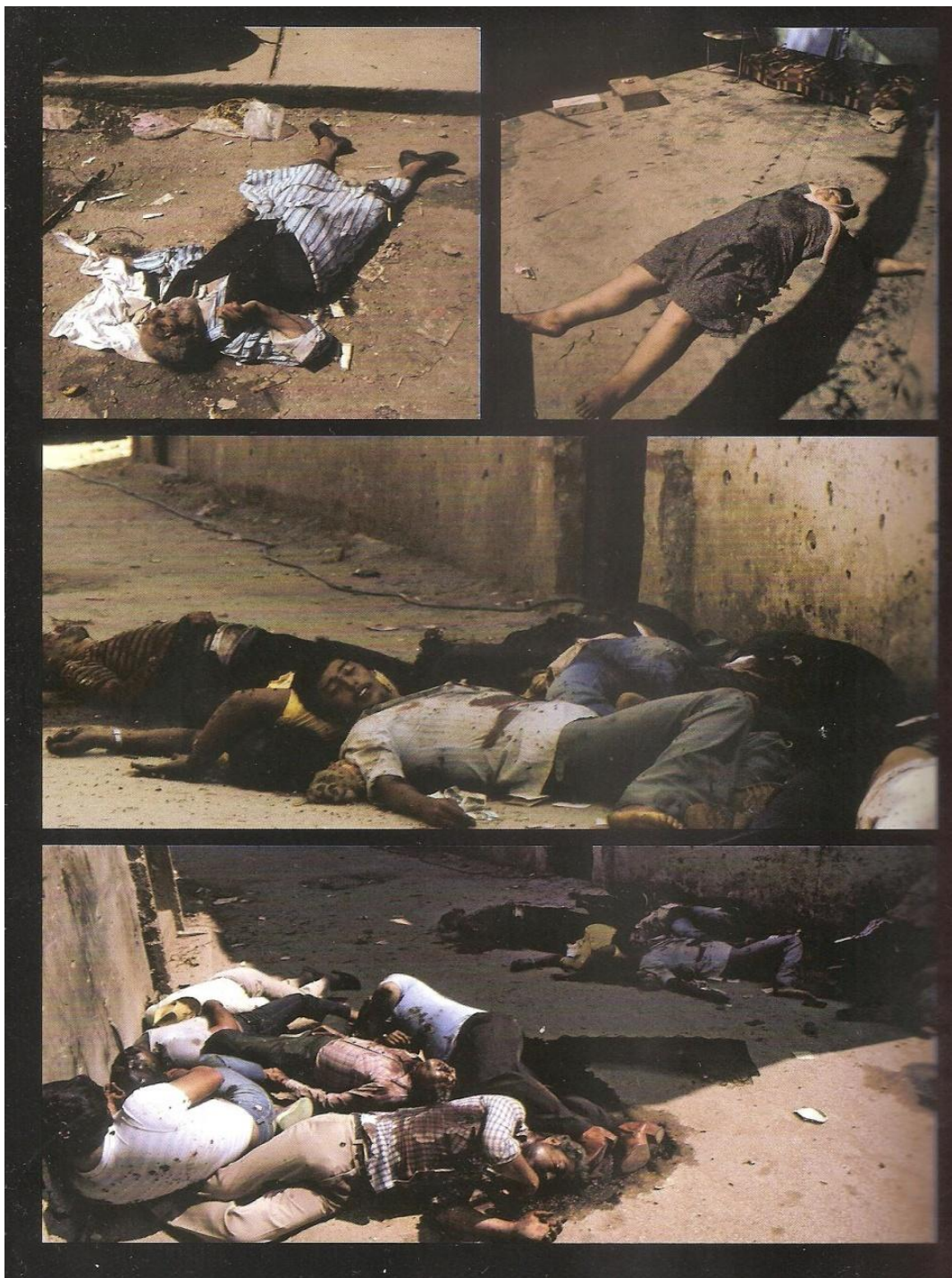
Pagina 115 de "Valsa com Bashir" (figura 05)

Por fim, quando o personagem principal recupera por completo sua memória ocorre provavelmente o mais interessante e chocante recurso utilizado pelo filme, a transição entre animação e gravações verídicas do massacre de Sabra e Shatila, representando a mudança entre fragmentos de memória (representado pela animação) e todo o quadro completo (representado pelas imagens reais dos acontecimentos).

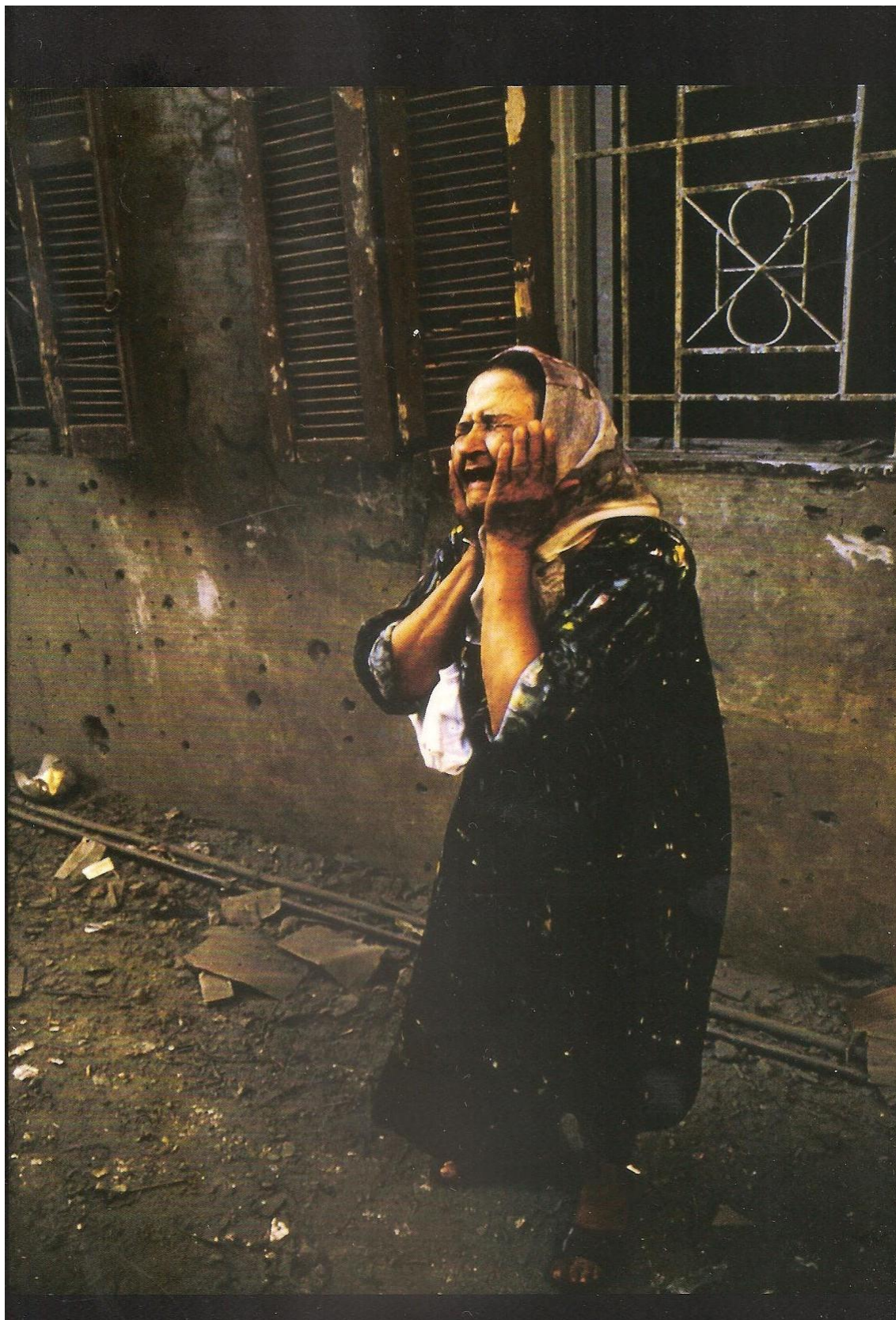
Com essa transição, o autor além de representar a conclusão do ciclo percorrido pelo personagem atrás de respostas, também pretende chocar o espectador para que o mesmo se de conta daquela tragédia que poucos conhecem, representa por essas imagens o trauma sofrido pelas pessoas daqueles vilarejos e que até hoje ocorrem em suas memórias e na sua formação identitária.



Pagina 113 de "Valsa com Bashir" (figura 06)



Pagina 116 de "Valsa com Bashir" (figura 07)



Pagina 117 de "Valsa com Bashir" (figura 08)

5. Considerações Finais

Podemos por esse trabalho destacar o papel imprescindível da memória como faculdade humana que possui a capacidade de adquirir informação, armazenar e recuperar as mesmas. Percebemos que ela não funciona somente no âmbito individual, pessoal, mas que também deve ser compreendida no âmbito coletivo, onde a informação é armazenada, disseminada e recuperada pelo grupo. Objetivo principal do trabalho que era verificar se é possível a recuperação da memória individual a partir do coletivo. Após a análise, pode ser constatado que sim, é possível alcançar tal recuperação, mas para isso devemos ter como base para essa validação alguns fatores primordiais que são: para que a memória individual seja efetivamente recuperada e não ser observada como uma “falsa memória”, sua consolidação e estruturação devem estar apoiadas em dois pilares imprescindíveis o conceito de “Memória forte”, que são aquelas memórias sólidas com capacidade organizadora e baseada em Memórias factuais, que são memórias de pessoas pertencentes ao grupo que estiveram presentes no período no qual o indivíduo teve sua memória “apagada”. Observamos também como o trauma influencia para o esquecimento mesmo que temporário da memória e também na (re) construção identitária, sendo um dos fatores que inviabiliza um indivíduo de se reestruturar individualmente e coletivamente. E que para tentar solucionar essa questão, a rememoração e aceitação dos fatos ocorridos são de extrema importância.

No que diz respeito à identidade, podemos observar que a mesma é de certa forma mutável e não deve ser enxergada totalmente a partir dos conceitos de construção subjetiva e construção objetiva, pois dependendo do contexto social em que o indivíduo se encontra, ele terá liberdade para se reestruturar, ainda mais se tratando de um caso de ter “novas memórias”, a maneira como ele se enxerga a partir desse novo momento pode ou não ser alterado, assim como sua representação para com a sociedade.

Observamos também a importância de recursos informacionais multimídia, com destaque para o suporte fílmico por exercer um poder de transmissão informacional muito poderoso mexendo com a percepção sensorial do usuário/expectador, pois trabalha não somente com o escrito, mas também

com os suportes fonográfico e imagético, fazendo com que a assimilação de determinados conceitos seja feita de forma mais eficiente. Se tornando por esses motivos uma ferramenta de preservação e disseminação da informação muito interessante e um suporte educacional válido.

Referências

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011. 219 p.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 1999. 256 p.

FOLMAN, Ari. **Valsa com Bashir**. Porto Alegre: L&PM, 2012. 120 p.

GIANNASI-KAIMEN, Maria Júlia; CARELLI, Ana Esmeralda. **Recursos informacionais para compartilhamento da informação: redesenhando acesso, disponibilidade e uso**. Rio de Janeiro: E- Papers, 2007. 226 p.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.1-15,1992.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silencio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.1-12, 1989.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **Catástrofe e representação: ensaios**. São Paulo: Escuta, 2000. 264 p.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

VALSA com Bashir. Direção de Ari Folman. Israel: Sony Pictures Classics, 2008. (90 min.), color.